

O VOLIBOL MODERNO

Prof. SÍLVIO RASO

O Dr. G. H. McCloy da Universidade de Iowa, no seu trabalho "Técnicas da Investigação em Educação Física", apresenta elementos úteis que servem para esclarecer o que atualmente se passa em relação ao volibol nacional.

Afirma o ilustre professor: — "No campo da Educação Física o progresso se apresenta da mesma forma que o verificado com a curva de aprendizagem, por impulsos e por períodos de calma relativa ou de retôrno aparente. Os precursores de vários movimentos propõem procedimentos e técnicas novas. Algumas dessas inovações possuem de fato valor e permanecem, outras saem logo de uso. A introdução de uma nova técnica em qualquer atividade, dá sempre lugar a controvérsias e a flutuações violentas, que oscilam entre o uso extremo do que é novo por alguns, até o combate violento por parte de outros, resultando assim, numa valorização do novo que, conseqüentemente, alcança o seu nível próprio".

Quando de volta da Europa, em 1949, por gentileza da Revista de Educação Física do Exército, tornei público observações sobre o que acabava de ver em tôrno do volibol europeu. Ao escrever aquelas impressões cumpria com o dever de divulgar o que achava de utilidade para o volibol nacional. Como havia sentido, "in loco", o valor das inovações, não hesitei em afirmar, mantendo entretanto, a convicção de que, somente mais tarde, com exemplos concretos, poderíamos de fato influir na evolução deste novel desporto, já tão divulgado entre nós. Se só me fôsse dado ler informação técnica teria, também, duvidado das informações.

Vem novamente McCloy, com ponderações oportunas, afirmando que "o progresso se realiza pelo menos em quatro etapas. A primeira é a do ensaio e êrro. Os iniciadores relativamente sem experiência — se confundem procurando ensaiar uma coisa depois da outra e vão progredindo lentamente do estado de ignorância científica à uma condição, na qual alguns valores efetivos principiam a ser reconhecidos.

"Na segunda etapa, os "líderes" do passado, que estão freqüentemente equivocados, com a visão estreita que possuem, manifestam suas opiniões com a certeza e a convicção de um charlatão de feira. Estas "autoridades", freqüentemente, retêm por décadas o progresso científico.

"A terceira etapa é a da especulação e da argumentação. A solução dos problemas é procurada por meio dos debates. Esta é a etapa de problematização.

"A quarta etapa — é a da hipótese e da experimentação. Etapa esta que poderá estar sujeita às influências e variações pessoais."

Vamos tentar analisar o volibol no Brasil procurando caracterizar as possíveis etapas por que passou esta verdadeira "revolução técnica".

E, ainda de McCloy: — "A adoção de um método em um novo campo de atividades, que não é acompanhado com freqüência de um período de ajuste, seria como cortar um terno velho para adaptar-se a novos usos".

Assim, vamos apresentar a primeira etapa — ensaio e êrro — até 1949, quando os técnicos abalizados presumiam ter atingido o volibol brasileiro o máximo de desenvolvimento possível. A falta de intercâmbio internacional resultou na suposição de que o volibol estava muito desenvolvido.

A segunda etapa — dos técnicos "entendidos" — foi a luta encetada para convencer as vantagens dos novos sistemas de jogo. A luta foi titânica e por vezes desanimadora. Se não tivéssemos a convicção do valor e importância dos novos princípios teríamos sido vencidos e não suplantaríamos esta fase difícilíssima, sob todos os aspectos. As palestras, as publicações não lograram convencer os "entendidos" e, somente tendo a sorte de dirigir uma equipe de universitários em 1950, pudemos apresentar, objetivamente, o jogo de volibol dentro do novo padrão. Num treino com o Minas Tênis Clube a equipe que era constituída de elementos novos pôde apreender rapidamente o exemplo vivo, para logo após abater o Fluminense Futebol Clube do Rio de Janeiro que levantava o Torneio de Cambuquira graças ao emprêgo do novo sistema de jogo. Devo ressaltar, na oportunidade, dois técnicos por dever de justiça: Adolfo Guilherme e Paulo Azevedo, e o apoio de elementos jovens da imprensa que deram todo o destaque a esta fase, exaltando o valor, a oportunidade e a importância dos novos ensinamentos. O Campeonato Sul-Americano caracteriza a finalização da fase de problematização.

A etapa, que se segue à da especulação e da argumentação foi por demais interessante, por que os "entendidos" aparecem em quantidade, argumentando com os mesmos fatos que combatiam. A doutrinação chegava a ser cômica e a especulação foi usada das mais variadas formas.

A quarta etapa — a da hipótese e experimentação — parece estar iniciada. Os fatos já são aceitáveis; resta agora experimentá-los.

O saque, um dos fundamentos mais importantes no volibol, focalizado e destacado por jogadores e espectadores, parece servir para exemplificar. Foi este fundamento por muito tempo, simples início de jogada. No Campeonato Sul-Americano foi de marcante influência, quando cerca de 50% dos pontos fo-

ram conseguidos de saque, com dois elementos somente, executando-o com força, chegando no jogo com o Uruguai a constituir uma tática quando da entrada de Cecivaldo (Tite) para terminar o jogo com o saque, batendo a bola acima dos ombros.

Nos outros certames de caráter nacional, temos observado o valor sempre crescente do saque. Atualmente serve para firmar aquilo que vínhamos supondo — os jogadores brasileiros, salvo raras e honrosas exceções, não sabem bater corretamente a bola. Como podemos afirmar esta triste realidade?

Antes, quando orientávamos a arbitragem do Sul-Americano e Brasileiro, de Pôrto Alegre, sentimos como a reação era tremenda contra os árbitros que puniam as bolas carregadas. Chegamos a Belo Horizonte, este ano, e permitíamos uma liberação do toque. Tivemos então a constatação de que, efetivamente, os jogadores não tinham capacidade para dominar a bola.

A difusão do saque de trajetória alta, denominado "para-quedas", desmoronou por completo o prestígio de elementos consagrados e deixou bem claro a falta absoluta de habilidade para bater a bola. Não eram cortadas violentas, mas um simples saque, sem força, a não ser a da gravidade, mesmo assim atuando de uma altura de oito metros mais ou menos. Importa dizer que estes "astros consagrados" não se sentiam capazes de bater, corretamente uma bola que caísse de uma altura três vezes à da rede. Assim, no jogo com o Distrito Federal, a equipe de Minas Gerais consignou oito e depois mais nove pontos, respectivamente, na primeira e segunda partidas, totalizando 17 nos 30 pontos feitos: 56,6%.

Numa análise mais ampla, chegamos à conclusão de que os adversários da equipe de Minas Gerais somente defenderam 30,3% dos saques executados. A porcentagem é muito baixa e vem confirmar, sem dúvida, que o volibol nacional está exigindo uma mudança radical na maneira de bater a bola, que está defeituosa e necessita, urgentemente, de ser corrigida. O confronto com o volibol europeu entristece um pouco, porque presenciamos uma equipe dando saque tipo "para-quedas", trajetória alta e vimos os adversários, até os mais fracos, com atuação bem melhor.

E como trabalho da quarta etapa, segundo "McCloy" — fase de experimentação, tenho o prazer de apresentar no próximo número da Revista, o trabalho do Sr. Lincoln Raso, interessado em dar sua contribuição ao volibol científico, possuindo o mérito de levantar problemas e suscitar discussões, que poderão melhorar o volibol nacional.